

# Centenas de pessoas marcharam pela saúde e segurança das mulheres

written by Maria Paulo | 26 de Novembro, 2025



Centenas de pessoas manifestaram-se esta terça-feira em Lisboa para protestar contra o estado do setor da saúde **“devastador”** para as mulheres, e exigir mais **segurança para as vítimas de violência doméstica.**

*“Neste momento o estado da saúde sexual e reprodutiva em Portugal é absolutamente devastador e inaceitável. As mulheres veem-se a parir na rua, sem condições, a parir às portas dos hospitais e, portanto, nós estamos aqui não só pela violência doméstica, mas, por exemplo, por todo tipo de violência de género contra as mulheres”,* disse a porta-voz da iniciativa, Dejanira Vidal, no início da Marcha pelo Fim da Violência Contra as Mulheres.

A marcha, com a presença de homens e mulheres de todas as idades, começou cerca das 19h para assinalar o **Dia**

**Internacional para a Eliminação da Violência contra as Mulheres**, com concentração no Largo do Intendente.

Os participantes ostentavam cartazes com mensagens como **“Fim da impunidade para os agressores”** e outras a defender as mulheres vítimas de agressões.

A manifestação, com palavras de ordem como **“meteram-se com uma meteram-se com todas”** e ao som de tambores, seguiu em direção ao Martim Moniz, para terminar no Rossio.

A presidente da associação Feministas em Movimento (FEM), Elizabeth Brasil, que também participou na organização da marcha, destacou que há mais mulheres em casas de abrigo do que agressores presos.

**“Os agressores aguardam uma justiça que é lenta, que tarda e que muitas vezes não chega”**, disse à Lusa.

A porta-voz da União de Mulheres Alternativa e Resposta (UMAR), Maria João Vilhena, destacou a importância de assinalar a data, sublinhando que este ano foram assassinadas 24 mulheres.

**“A violência doméstica é uma violência de género, sobretudo é uma violência que continua a matar”**, referiu Vilhena, salientando a importância de chamar atenção social para o problema, **“para que as coisas melhorem no futuro”**.

Para a manifestante Isabel Vermelho, é importante estar na rua a protestar e a reivindicar os direitos das mulheres, uma luta que se adivinha prolongada.

**“Existe ainda um longo caminho pela frente para combater a violência”** contra as mulheres, disse à Lusa.

Para o manifestante Fernando Gomes, **“os direitos básicos da mulher são os direitos básicos do ser humano”**.

No início do evento esteve presente a líder do Bloco de

Esquerda, Mariana Mortágua, que alertou para que ***“as mulheres ainda são vistas de uma forma diferente, muitas vezes ainda (...) como propriedade, de forma a justificar atos de violência ou de agressão”***.

Na marcha, que terminou por volta das 21h no Rossio com discursos e evocação dos nomes de mulheres assassinadas este ano, esteve presente também o candidato presidencial do Livre, Jorge Pinto, e a deputada do mesmo partido, Isabel Mendes Lopes.

***“Não é normal nem aceitável que nas suas próprias casas [as mulheres] continuem a ser vítimas diariamente de violência”***, disse Jorge Pinto.

A PSP revelou esta terça-feira que registou este ano quase **15.000 queixas de violência doméstica e deteve 1.157 suspeitos deste crime**, metade dos quais em flagrante delito.

De acordo com a Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género (CIG), a violência contra as mulheres e as raparigas continua a ser uma das violações dos direitos humanos mais frequentes e generalizadas no mundo.

OC/MP